



A Santa Sé

**DISCURSO DO PAPA FRANCISCO
AOS MEMBROS DA ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL
ÍTALO-LATINO AMERICANA (ILLA)**

*Sala Clementina
Sexta-feira, 30 de junho de 2017*

[Multimídia]

Senhoras e Senhores!

Antes de tudo peço desculpa pelo atraso. Não estava previsto que chegasse atrasado, mas as audiências prolongaram-se, e portanto peço-vos desculpa.

Dou-vos as boas-vindas e saúdo-vos por ocasião do cinquentenário da Organização Ítalo-Latino-Americana. Agradeço ao Presidente e ao Vice-Presidente as palavras com as quais introduziram o nosso encontro.

Na convicção fundativa da vossa Organização são expressas as suas finalidades, entre as quais *promover* o desenvolvimento e a coordenação, assim como identificar as possibilidades de assistência recíproca e de ações comuns entre Países membros (cf. art. 1). Perante este compromisso, desejo sublinhar três aspetos que me parecem importantes no momento atual.

Em primeiro lugar, *identificar as potencialidades*. Os países da América Latina são ricos de história, cultura, recursos naturais; além disso, o seu povo é «bom» e solidário com as outras populações. Isto foi comprovado por ocasião das recentes calamidades naturais, através do modo como se ajudaram mutuamente, dando exemplo a toda a comunidade internacional. Todos estes valores sociais estão presentes, mas devem ser apreciados e fortalecidos. Não obstante estes recursos do continente, a atual crise económica e social atingiu a população e causou o aumento da pobreza, do desemprego, da desigualdade social, assim como da exploração e do abuso da nossa casa comum. E isto a um nível tal que não teríamos imaginado há dez anos. Perante esta situação é necessária uma análise que tenha em conta a realidade das pessoas concretas, a

realidade do nosso povo (cf. Enc. *Laudato si'*, 144). Isto ajudar-nos-á a tomar consciência das necessidades reais que existem, assim como a apreciar a riqueza que cada pessoa e cada povo traz em si.

Se o primeiro ponto era identificar as potencialidades, o segundo é *coordenar* os esforços para dar respostas concretas e enfrentar as exigências e as necessidades dos filhos e das filhas dos nossos países. Coordenar não significa deixar fazer aos outros e por fim aprovar; ao contrário, requer muito tempo e muito esforço; é um trabalho escondido e pouco apreciado, mas necessário. Diante de um mundo globalizado e sempre mais complexo, a América Latina deve unir os esforços para fazer face ao fenómeno da emigração; e a maioria das suas causas poderia ter sido enfrentada já há muito tempo, mas nunca é demasiado tarde (cf. *Discurso ao Corpo Diplomático junto da Santa Sé*, 11 de janeiro de 2016). A emigração sempre existiu, contudo nos últimos anos aumentou de uma maneira sem precedentes. O nosso povo, impelido pela necessidade, vai em busca de «novos oásis», onde poder encontrar maior estabilidade e um trabalho que garanta mais dignidade à vida. Mas nesta busca, muitas pessoas sofrem a violação dos próprios direitos; muitas crianças e jovens são vítimas do tráfico e são explorados, ou caem na rede da criminalidade e da violência organizada. A emigração é um drama de divisão: dividem-se as famílias, os filhos separam-se dos pais, afastam-se da terra de origem, e os próprios governos e países dividem-se diante desta realidade. É necessária uma política conjunta de cooperação para enfrentar este fenómeno. Não se trata de procurar culpados e de se eximir das próprias responsabilidades, mas todos são chamados a trabalhar de maneira coordenada e conjunta.

Por fim, o terceiro aspeto: promover. Entre as muitas ações que se poderiam realizar, penso que sobressai por importância a promoção de uma cultura do diálogo. Alguns países estão a atravessar momentos difíceis a nível político, social e económico. Os cidadãos que têm menos recursos são os primeiros a notar a corrupção que existe nas diversas camadas sociais e a má distribuição das riquezas. Eu sei que muitos países trabalham e lutam para realizar uma sociedade mais justa, promovendo uma cultura da legalidade. A promoção do diálogo político é essencial, quer entre os diversos membros desta Associação, quer com os países de outros continentes, de modo especial com os da Europa, devido aos vínculos que os unem. Nesta colaboração e neste diálogo insere-se a diplomacia como instrumento fundamental e de solidariedade para alcançar a paz (cf. *ibid.*). O diálogo é indispensável; mas não o “diálogo entre surdos”! Exige-se uma atitude receptiva capaz de acolher sugestões e de partilhar aspirações. Capacidade de escuta. É uma troca recíproca de confiança, que sabe que do outro lado há um irmão com a mão estendida para ajudar, que deseja o bem de ambas as partes e quer fortalecer os laços de fraternidade e de amizade para progredir pelos caminhos de justiça e de paz.

Encorajo-vos no vosso compromisso em prol do bem comum no nosso continente americano, e espero que a colaboração entre todos possa favorecer a construção de um mundo cada vez mais

humano e justo. Obrigado!

Copyright © Dicastero per la Comunicazione - Libreria Editrice Vaticana